

OS NOMES DE LUGAR  
E SUA MOTIVAÇÃO CULTURAL

*Maria Antonieta Carbonari de Almeida*  
UEL

A Lexicologia é apontada como “uma ciência sociológica”, uma vez que registra as novas concepções e o novo comportamento do homem. Assim, unidades lexicais surgem para expressar uma nova maneira de viver. Exemplo: “barrageiro” designa o operário que trabalha numa obra de barragem, construindo as hidrelétricas, morando longe de sua família.

A Lexicologia é um reflexo do modo de vida de um povo, de uma comunidade e torna-se porta-voz da cultura característica deste povo. O objetivo do presente trabalho é conectar a Lexicologia, via um recorte toponímico, com o aspecto humano e relacioná-la com a história e a cultura do lugar que retrata. Espera-se mostrar, através de “nomes de lugar”, um pouco do modo de ser do brasileiro. Um primeiro exemplo: Boa Esperança é o nome atual de um próspero município do Norte do Paraná; a denominação foi dada pelos próprios fundadores da cidade e expressa o otimismo dos colonizadores que, na década de 50, tiveram muitas dificuldades no desbravamento e na colonização do povoado, destacando-se a péssima qualidade das estradas, que em tempos de chuva ficavam completamente intransitáveis, o que originou a primeira denominação do lugar, Barreiro do Oeste.

Convém, inicialmente, expor um pouco do Estado do Paraná: localiza-se na região sul brasileira, com área oficial de 199.554 Km<sup>2</sup>, correspondendo a 2,34 % da superfície

|               |                      |   |      |      |
|---------------|----------------------|---|------|------|
| <i>Signum</i> | Estudos da Linguagem | 1 | 1998 | 5-14 |
|---------------|----------------------|---|------|------|

do Brasil. A terra roxa é a sua grande riqueza e foi o atrativo para as levas de colonização. As matas paranaenses sofreram uma grande devastação, ora devida à extração madeireira, ora devida às atividades agrícolas. Para Wons (1978: 118), várias foram as causas que deram origem às cidades paranaenses: arraiais de mineração (Paranaguá, Curitiba); pouso de tropeiros (Ponta Grossa, Castro); núcleo de colônias (Cerro Azul, Colombo); patrimônios imobiliários (Londrina, Maringá); fazendas de café (Jacarezinho, Ribeirão Claro); colônias militares (Jataizinho, Foz do Iguaçu); aldeamento (São Jerônimo da Serra); sesmaria (Antonina); forte (Guarapuava); estação ferroviária (Bandeirantes).

Cardoso e Westphalen (1986: 36) atestam que três foram as ondas povoadoras que, em conjunturas diversas e com motivações distintas, realizaram a ocupação do Paraná e formaram três comunidades regionais:

a) a do Paraná tradicional – teve seu início no século XVII com a procura de ouro; desenvolveu-se no século XVIII sobre o latifúndio dos Campos Gerais, com base na criação e no comércio do gado e estruturou-se no século XIX com as atividades extrativas e com o comércio exportador da erva-mate e da madeira;

b) a do Paraná moderno (século XX) – pelas origens e interesses históricos, era ligada diretamente a São Paulo. A região Norte desenvolveu-se inicialmente com a agricultura tropical do café;

c) a do Sudoeste e Oeste (década de 50) – dos criadores de suínos e plantadores de cereais que, inicialmente, esteve mais intimamente ligada ao Rio Grande do Sul.

|               |                      |          |      |      |
|---------------|----------------------|----------|------|------|
| <b>Signum</b> | Estudos da Linguagem | <b>1</b> | 1998 | 5-14 |
|---------------|----------------------|----------|------|------|

O Estado do Paraná conta com municípios de mais de 300 anos (Curitiba), ao lado de outros que tiveram a emancipação política ainda nesta década (Pontal, Santa Mônica). O próprio Estado é de criação recente: 1853 é a data em que o Paraná foi elevado à província autônoma. É um estado rico, tradicionalmente agrícola, que se encontra em processo crescente de industrialização até mesmo com a instalação de montadoras de carros. Em nossa pesquisa buscamos, em parte, o resgate da história do Paraná, uma vez que concordamos com as palavras de Dick, para quem o topônimo é um verdadeiro “testemunho histórico” de fatos registrados em vários momentos da vida de um grupo.

Observa-se, por exemplo, a utilização de apenas quatro nomes de mulher na denominação de municípios: Anahy, Jussara, Maria Helena e Marilena, todos de colonização recente.

A história de Anahy e de sua ocupação está ligada à cultura cafeeira e à fertilidade das terras da região. Era a década de 50 e o nome foi dado em homenagem à jovem Anahy, filha do gerente da Companhia Brasileira de Imigração e Colonização, empresa que colonizou o município. Na ocasião do desbravamento, a empresa povoadora deu dois lotes urbanos à jovem, como forma de reconhecimento à denominação cedida à localidade.

Jussara, por sua vez, surgiu em 1952, constituindo-se em “homenagem à Miss Brasil Jussara Marques, de rara beleza.” Se fôssemos considerar apenas a etimologia, Jussara estaria entre os fitotopônimos, pois é um termo de origem tupi, que designa uma espécie de palmeira.

A povoação de Maria Helena deu-se no ano de 1953 e o nome foi escolhido em homenagem à filha de um pioneiro do lugar, Sr. Mário de Abreu. Já Marilena é

|               |                      |          |      |      |
|---------------|----------------------|----------|------|------|
| <b>Signum</b> | Estudos da Linguagem | <b>1</b> | 1998 | 5-14 |
|---------------|----------------------|----------|------|------|

homenagem prestada à esposa do diretor da Empresa Colonizadora Marilena, uma das empresas que colonizou o município, em 1948.

A data de fundação dos municípios citados é significativa: só há cerca de 50 anos é que a mulher está sendo valorizada, não esquecendo que a homenagem é feita principalmente ao elemento feminino da família do pioneiro, do colonizador – o que confirma a cultura e o preconceito do povo brasileiro.

Santos (1996), ao analisar a toponímia da cidade de Londrina, detectou o predomínio de nomes femininos nos bairros da cidade, que é de colonização recente, apenas 65 anos de emancipação.

Dos 323 nomes de municípios paranaenses apontados pelo IBGE (1991), 46 deles (cerca de 14 %) são nomeações que têm por base a homenagem a pessoas que se destacaram tanto na região como no país. Trata-se do registro da história local: é a valorização da pessoa, é o respeito pelos feitos humanos. Assim, políticos e desbravadores são homenageados: Manoel Ribas (ex-interventor do Estado); Cândido de Abreu foi Diretor do Serviço de Colonização do Estado do Paraná, na década de 40. Observa-se que a estrutura do antropotopônimo compreende diversas possibilidades:

a) presença do conjunto onomástico completo, como em Inácio Martins. São 12 nomes, incluindo-se Braganey em que há a antecipação do sobrenome Braga ao prenome, numa referência ao ex-governador, ainda vivo;

b) só o sobrenome da família, mas como homenagem feita a um membro específico, talvez por ter exercido cargo

|                      |                      |          |      |      |
|----------------------|----------------------|----------|------|------|
| <b><i>Signum</i></b> | Estudos da Linguagem | <b>1</b> | 1998 | 5-14 |
|----------------------|----------------------|----------|------|------|

público. São 16 nomes, como Castro, Lunardelli, Moreira Sales;

c) o acréscimo de sufixos ao nome/prenome do homenageado. Há 7 nomeações de municípios formados pela junção do sufixo –polis (Adrianópolis, Lupionópolis); dois sobrenomes receberam o sufixo –ina (Antonina, Tomazina) e dois foram acrescidos de –land (Matelândia e Clevelândia).

d) ao lado dos 46 antropotopônimos, a toponímia paranaense utiliza-se de 9 axiotopônimos, quando o nome próprio individual vem precedido de títulos; como Engenheiro Beltrão, que na década de 40 estava à frente da Sociedade Técnica e Colonizadora Engenheiro Beltrão; Marechal Cândido Rondon, indigenista brasileiro, que atuou em duas frentes de ação em terras paranaenses.

Mulher e índio são, histórica e culturalmente, pessoas que não tiveram respaldo oficial, “sem vez e sem voz”. Não por acaso, são os antropotopônimos que apresentam apenas o prenome, talvez numa desvalorização. Mesmo assim, há uma parcela da história regional conservada e transmitida às gerações presente e futura. Tais topônimos exercem o papel de verdadeiros registros da história cultural dos grupos humanos radicados na região. Vitorino, por exemplo, é uma homenagem a um cacique Kaingang, que foi um grande colaborador dos desbravadores da região (Ferreira, 713) enquanto que Guairaçá tem por motivação o nome de um cacique Guarani que, em 1726, se opôs a portugueses e espanhóis, a quem é atribuída a célebre frase “... esta Terra tem dono” (Ferreira, 310).

Um antropotopônimo em especial merece ser destacado, pois a história que o esclarece parece revelar

|               |                      |          |      |      |
|---------------|----------------------|----------|------|------|
| <b>Signum</b> | Estudos da Linguagem | <b>1</b> | 1998 | 5-14 |
|---------------|----------------------|----------|------|------|

muito do caráter e da cultura do brasileiro. Trata-se de Castro, homenagem feita a Martinho de Mello e Castro, Ministro dos Negócios Ultramarinhos de Portugal, nos anos de 1785 e 1790. O nome foi dado à outrora freguesia Sant'Ana do Iapó e prende-se a um fato ocorrido na prisão de Limoeiro, em Portugal. Encontrava-se encarcerado o capitão Manoel Gonçalves Guimarães, enriquecido no contrabando de ouro e dono de extensa área de terras que, ajoelhado, pediu clemência e liberdade a Martinho de Mello e Castro. O prisioneiro informou que morava no Brasil, numa florescente freguesia, na qual não havia justiça e os crimes ficavam impunes, mas... se lhe fosse concedida a liberdade, trataria de elevar a freguesia à categoria de vila e, com o nome do Ministro português, iria melhorar a vida dos que ali moravam. Tal pedido sensibilizou a autoridade que libertou o potentado e este, reconhecido, empenhou-se para que a nova nomeação fosse uma realidade, em 1788.

Por outro lado, o estudo dos nomes de lugar também permite considerações sobre a alteração dos nomes de municípios. Teria diminuído a importância dos primeiros homenageados?

No século passado, parte da então Província do Paraná encontrava-se loteada em colônias distribuídas a imigrantes europeus - não esquecer que o país precisava de mão de obra, principalmente depois da Abolição da Escravatura, em 1888. Eram glebas de terra às quais se atribuíam os nomes genéricos de colônia (ainda no tempo do Império) ou de fazenda (neste século). À medida em que o desenvolvimento acontecia, a comunidade transformava-se em Distrito (de um município maior, próximo) e posteriormente conseguia a sua emancipação política.

|               |                      |          |      |      |
|---------------|----------------------|----------|------|------|
| <b>Signum</b> | Estudos da Linguagem | <b>1</b> | 1998 | 5-14 |
|---------------|----------------------|----------|------|------|

Ferreira (1996: 240) atesta que o período de 1860-1880 marcou o estabelecimento de 27 colônias agrícolas, assentando imigrantes europeus em terrenos doados pelo governo de D. Pedro II. O atual município de Colombo, situado a 20 Km de Curitiba, foi inicialmente a “Colônia Alfredo Chaves”, que recebeu, em 1878, cerca de 160 colonos de nacionalidade italiana. A primeira denominação foi uma homenagem ao Ministro da Agricultura, na época do assentamento; a atual denominação é uma homenagem ao navegador italiano que descobriu a América.

Outros três antropotopônimos tiveram alteração nos designativos de lugar. Curiosamente, dois deles são substituídos por antropotopônimos que valorizam a história local:

· Epitácio Pessoa (ex-presidente da Nação) cujo nome não vingou por motivos políticos advindos do período da Revolução de 30 e depois por já existir uma cidade homônima no interior paulista – Adrianópolis, homenagem ao pioneiro da indústria de minérios da região, Sr. Adriano Seabra da Fonseca;

· Interventor Manoel Ribas, antigo governador do Paraná (1932-1945) – Munhoz de Mello, presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, nome dado à localidade em novembro de 1955. Ressalte-se que, em julho de 1955, Campina Alta sofreu alteração para Manoel Ribas;

· Lovat, de nacionalidade inglesa, foi fundador da Companhia e Terras Norte do Paraná, pioneiro da colonização de Mandaguari, termo de origem tupi que designa uma espécie de abelha silvestre.

|               |                      |   |      |      |
|---------------|----------------------|---|------|------|
| <b>Signum</b> | Estudos da Linguagem | 1 | 1998 | 5-14 |
|---------------|----------------------|---|------|------|

Na mesma proporção de ocorrência, 14%, encontramos o nome de 46 municípios paranaenses enquadrados na taxionomia de hagiopônimos.

O respeito a uma entidade superior é observado tanto em nomes de cidades como de bairros, e é menos freqüente na denominação de acidentes físicos. A motivação religiosa, subjacente nos nomes de lugar, tem por propósito, segundo Francisquini (1998: 22): a) propagar os objetivos catequéticos/religiosos; b) demonstrar a religião ou vínculo com as divindades e com fiéis que partilham a mesma fé; c) reivindicar proteção e sucesso em novo espaço geográfico. Assim, encontram-se nomes diversos como Missal, São João e Tupãssi (de origem tupi, 'Tupacy' ... Nossa Senhora, Mãe do Deus Raio) reverenciam o poder divino.

A análise dos hierotopônimos revela, no mínimo, três grupos distintos: a) os que homenageiam a ordem religiosa, como Jesuítas, Palotina; b) os que citam o nome de devoção, como Santa Inês, São João; c) os que são modificados por um termo especificador, às vezes uma referência geográfica, como Santa Terezinha de Itaipu, Santo Antônio do Triunfo. Este último grupo é o mais produtivo, com cerca de 31 municípios tendo na sua denominação a presença de um nome de santo acrescido de um modificador, principalmente do Ivaí (6) e do Oeste (4).

Lima (1997: 17), associando a história da ocupação do território paranaense com a nomeação baseada na religiosidade, observou que há apenas três ocorrências de hagiopônimos na região Sul, que é de colonização mais remota, enquanto que há um maior número deles nas regiões Noroeste e Sudoeste, regiões povoadas mais

|               |                      |   |      |      |
|---------------|----------------------|---|------|------|
| <b>Signum</b> | Estudos da Linguagem | 1 | 1998 | 5-14 |
|---------------|----------------------|---|------|------|

recentemente, nas décadas de 40 e 60. Em sua pesquisa sobre a motivação religiosa presente na denominação de municípios paranaenses, Lima (1997: 8) detectou a existência de hagiotopônimos aparentes, uma vez que a primeira motivação é homenagear um político da região ou um pioneiro, como São Jorge do Patrocínio; nesse caso, o prenome da pessoa é precedido por São/Santo e, deste modo, homenageia-se a pessoa sem o uso direto de seu nome. Esta informação é relevante, uma vez que o hagiotopônimo deixa de ser um tributo ao santo de devoção e torna-se uma máscara para se manter a homenagem a pessoas que fizeram a História da região.

A análise dos hagiotopônimos indica também um outro dado: há, algumas vezes, o acréscimo de um referencial geográfico, como que invocando bênçãos para aquela região. Assim, encontram-se municípios com o nome de Santa Izabel do Oeste e Santa Izabel do Ivaí.

Ao se estudar a toponímia paranaense e brasileira, não se pode deixar de mencionar a influência indígena, não pela etimologia em si, mas por ela ser um resgate do nacional. Cumpre especificar que um decreto federal promulgado a 21 de outubro de 1943 estipulava e regulamentava a eliminação dos topônimos homônimos, numa tentativa do governo de organizar a Toponímia brasileira e incentivar, na mudança de nomes, a restauração de nomes tupis. Cambé, por exemplo, designa um município do Norte do Paraná e tal nomeação substitui a outrora Vila Nova Dantzig, homenagem ao lugar de origem dos fundadores; Cambé é de origem Tupi e significa “árvore ou planta de raízes aéreas”. No Estado do Paraná há cerca de 40 municípios que têm por nome um termo de origem indígena, quer fitotopônimo (Curitiba – “muito pinheiro”;

|               |                      |          |      |      |
|---------------|----------------------|----------|------|------|
| <b>Signum</b> | Estudos da Linguagem | <b>1</b> | 1998 | 5-14 |
|---------------|----------------------|----------|------|------|

Pitanga – fruto de cor vermelha); zootopônimo (Arapongas – “pássaro que soa”); litotopônimo (Itambé – “pedra afiada”).

Do exposto, conclui-se que a Toponímia paranaense está intimamente ligada com a cultura do país: homenagem a pessoas proeminentes, reverência à religiosidade, valorização da língua Tupi. Neste sentido, o recorte lexical efetuado mostra o elo existente entre Léxico e Cultura.

#### Referências bibliográficas

- CARDOSO, Jayme Antônio, e Cecília Maria Westphalen. *Atlas histórico do Paraná*. 2. ed. Curitiba: Livraria do Chain, 1986.
- FERREIRA, João Carlos Vicente. *O Paraná e seus municípios*. Maringá: Memória Brasileira, 1996.
- FRANCISQUINI, Ignez de Abreu. *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Londrina, 1998.
- LIMA, Ivone Alves de. “A motivação religiosa nos topônimos paranaenses. In: Anais do XLV Grupos de Estudos Lingüísticos de São Paulo.” Campinas: UNICAMP, 1997.
- SANTOS, Célia Dias dos. Topônimos londrinenses: uma proposta taxionômica com base no motivo da denominação. Monografia de Especialização. Universidade Estadual de Londrina, 1996.
- WONS, Iaroslav. *Geografia do Paraná*. 2.ed. Curitiba: Ensino Renovado, 1978.

|               |                      |          |      |      |
|---------------|----------------------|----------|------|------|
| <b>Signum</b> | Estudos da Linguagem | <b>1</b> | 1998 | 5-14 |
|---------------|----------------------|----------|------|------|